

FEIRA LIVRE DE JACOBINA (1977 – 1985): UM TERRITÓRIO DE SOCIABILIDADE

Silvia Catarina Araújo das Virgens¹
Jorge Ney Valois Rios Filho²

Resumo: *Este artigo visa analisar o processo de transferência da feira livre da cidade de Jacobina - Ba no período de 1977-1985. O projeto de transferência ambicionava retirar a feira livre do centro para a periferia da cidade, através de um discurso que pregava a modernização urbana fundamentada na higienização e estética. Este acontecimento serve para reforçar a idéia de que a feira livre é entendida como um território construído a partir da sociabilidade. Pois, mesmo com esta interferência em prol de uma modernização, a feira livre persistiu, ainda que houvesse a desconfiança dos próprios feirantes que temiam o enfraquecimento do comércio. A instituição feira livre, como é o caso da cidade de Jacobina, mostra que seu significado vai além do espaço onde ela se concretiza. O que faz a feira livre existir, são as relações sociais caracterizadas pela comercialização dos diversos produtos entre feirantes e compradores e isto independe do local onde ela se situa.*

Palavras-Chave: Feira livre; Instituição; Território; Sociabilidade.

INTRODUÇÃO

A história da feira livre de Jacobina confunde-se com a história da cidade. Não se pode pensar no cotidiano de seus habitantes, sem levar em consideração as idas semanais à feira. Diante disso, qualquer tipo de interferência neste território é perfeitamente sentido por todos os moradores da cidade. Neste trabalho, o que se pretende é analisar como ocorreu o processo de modificação do território da feira livre de Jacobina, através da sua retirada do centro, onde tradicionalmente estava localizada, para a periferia da cidade.

O processo de transferência da feira livre foi viabilizado pela vontade política municipal, representado pelo prefeito Flavio Mesquita Marques, que almejava solucionar os problemas urbanos da cidade. Para investir nesta análise, tomei como recorte histórico o período de 1977 a 1985, uma vez que a transferência da feira ocorreu em 1981, portanto, este período corresponde a todas as etapas, desde a idealização, repercussão e concretização deste projeto.

A importância em se analisar a transferência da feira livre de Jacobina reside em ampliar a discussão sobre a formação do território a partir da sociabilidade. Entendendo-a não como um espaço físico, mas sim, como um território constituído pelas dinâmicas sociais. O que faz a feira livre existir são as relações sociais caracterizadas pela comercialização dos diversos produtos entre feirantes e compradores, e isto independe do local onde ela se situa. É interessante ainda perceber que a feira livre é entendida sob um ponto de vista institucional, por se tratar de um dos focos básicos da organização social.

¹ Pós-graduanda do curso História, Cultura Urbana e Memória, UNEB Campus IV, orientada pelo professor Edvaldo Hilário dos Santos. (Autora)

² Graduando em Geografia pela UNEB - Campus IV. (Co-autor).

O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DA FEIRA LIVRE DE JACOBINA EM 1981

A primeira referência feita sobre a feira livre de Jacobina reporta ao início do século XX, tempo em que a cidade era administrada por Intendentes. A disputa política era acirrada, chegando os partidos políticos a desafiarem-se pelas armas. Uma tradição revela que, quando o partido político contrário ao que estava no poder ganhava as eleições, as demissões começavam pela pessoa encarregada de ascender os lampiões e terminava na feira livre, que mudava de local a depender da vontade do líder político no poder.

A partir da conclusão das obras do Mercado Público Municipal, em 1965, a feira livre é transferida da Praça da Matriz para as novas instalações na Rua Getúlio Vargas, local onde permaneceu até 1981. Nas imediações do Mercado Público Municipal, a feira livre se realizava sexta e sábado, era movimentação de animais por todos os lados, pois os moradores dos arredores da cidade carregavam seus jêgues, cavalos e traziam toda sorte de produtos para serem comercializados. A feira se difundia no centro da cidade, as barracas seguiam o curso das ruas que margeavam o rio, tomando toda a Rua Orlando Oliveira Pires, que fechava o trânsito no dia de feira. Era o momento do encontro, das trocas de informações, da sociabilidade, da troca material e social.

No ano de 1977, ganha as eleições Flávio Mesquita Marques, e o seu mandato se estenderia até 1982, apoiado pelo Governo do Estado. A Prefeitura dá início a uma série de projetos, que ambicionou inserir Jacobina num contexto de cidade moderna, higienizada e urbanizada.

Um ofício encaminhado ao Sr. Armando da Silva Martins, Presidente da ENCETUR de Fortaleza, em 1980, demonstra a intenção de instalar um teleférico na serra do Cruzeiro, um dos pontos mais visitados da cidade. Neste documento o Prefeito confirma o interesse em conhecer as instalações do teleférico Ubajara, no Estado do Ceará, com intuito de perceber a viabilidade do projeto. Mesmo não indo à frente, este projeto revela a política modernizadora implementada pelo Prefeito em sua gestão.

Outro projeto urbanístico que segue a linha modernizadora do Prefeito foi o de transferência da feira livre, ocorrido em 1981, este realizado com mais êxito, embora tenha gerado uma maior repercussão na sociedade jacobinense, expressada, primeiro, pela resistência dos feirantes e, segundo, pela imprensa escrita, que noticiava severas críticas ao referido projeto.

Aliar crescimento econômico com soluções dos problemas urbanísticos da cidade foi o que impulsionou o Prefeito na época em investir na transferência da feira livre, o que pode ser comprovado no seu depoimento:

A primeira vontade em mudar a feira livre, seria tentar urbanizar o centro da cidade, associado a um trabalho de saneamento do Rio Itapicuru (...) porque eram colocadas barracas, eram trazidos animais lá da zona rural e com consequência de uma sujeira crescente na região, principalmente os dejetos dos animais e também porque naquelas barracas ficavam pessoas hospedadas, além do uso de bebidas alcoólicas e muita farra né, eu não gostava desse ambiente e desse aspecto que ocorria normalmente de quarta a sábado à tarde³.

A feira livre era vista como um problema para o controle dos pobres, ao mesmo tempo que era uma ameaça para as condições higiênicas da cidade, na fala do senhor Prefeito, era foco de vícios e transgressões da moralidade e dos costumes. Dessa forma, este problema social

³ Flávio Mesquita Marques, 65 anos. Entrevista realizada em 12/10/2004

deveria ser solucionado, a partir de decisões políticas claras e imediatas, os correlatos de desordem e imundice, limpeza e beleza, compunham o cenário do que era, e do que se queria alcançar para o bem-estar da cidade, pois era preciso não só melhorar as condições de vida dos pobres, como também afastá-los e torná-los menos perigosos.

Junto ao plano de desterro da feira livre, existia também a vontade de construir um hotel de grande porte, este seria um investimento que contribuiria para o crescimento econômico da cidade, pois daria suporte ao turismo. A ligação desses dois acontecimentos não se dá somente no fato de terem sido inaugurados ao mesmo tempo, mas, também, serem medidas de caráter imediato, sanar e construir eram os ideais políticos vigentes em Jacobina no início da década de 80.

O processo de transferência da feira livre ficou longe de ser linear e sem conflitos. Os feirantes não foram meros coadjuvantes no espetáculo implementado pelo poder, pois a não adesão ao projeto implicaria num embate de forças, sendo a resistência uma das formas de participação, num processo que interferia diretamente em suas vidas.

As vozes dos feirantes na ocasião da mudança da feira livre são ouvidas através de um abaixo-assinado, destinado ao Prefeito. O documento revela a insatisfação com a mudança da feira semanal, os feirantes alegavam que o local não apresentava a mínima segurança para o desenvolvimento das atividades, por isso, eles temiam que pudesse haver um enfraquecimento no comércio.

O jornal A Palavra fazia severas críticas à falta de organização, e afirmava que o problema não residia no local onde a feira funcionava, e sim, na sua falta de planejamento, segundo o jornal, nada garantia que os problemas de higiene seriam resolvidos, pois temia-se que fossem apenas transferidos para outro local juntamente com a feira livre.

No dia 21 de setembro de 1981, foi inaugurada a Central de Abastecimento de Jacobina, juntamente com o Hotel Serra do Ouro, e para abrilhantar a festa um trio elétrico animou os festejos, seguindo à risca a tradição das grandes inaugurações, seguidas de feriados para a cidade, com o intuito de dar credibilidade aos intentos políticos.

As instalações da feira livre situada na Rua José Rocha, esquina com a Avenida Lomanto Junior, foram complementadas nas gestões posteriores, com a construção de uma cobertura de metal, para abrigar os feirantes, pois a maioria passou a comercializar seus produtos no local escolhido para que a feira livre acontecesse, embora alguns feirantes ainda permanecessem no antigo local.

Em 1985 um novo projeto, idealizado pelo Presidente da Câmara Municipal, indicava a necessidade do Mercado Público Municipal ser transformado em Shopping Center. No entanto, a permanência de alguns comerciantes, no Mercado Velho, como é chamado atualmente, e o fato deste não ter sido transformado em Shopping Center, mostra como é difícil mudar os hábitos de uma população.

FEIRA LIVRE: UM TERRITÓRIO INSTITUCIONALIZADO

As feiras livres constituem um organismo vivo e dinâmico, palco de lutas e sobrevivência do homem, é o registro de um tipo de aglomeração que transcende ao novo, e que permanece enquanto instrumento de compreensão da história.

Desde o princípio, as feiras nasceram para estabelecer uma relação entre os que vendiam e os que compravam, mais do que isso, tornou-se um ponto de encontro, um espaço de sociabilidade, de extrema importância na vida da população. Para investir numa análise sobre a feira livre é interessante deixar claro o que se entende por ela; para Luis Mott a feira:

(...) É visto primordialmente como um lugar ou sítio geográfico, com atribuições sociais e econômicas, culturais, políticas, etc. Onde compradores e vendedores se reúnem com a finalidade de trocar ou vender, comprar bens e mercadorias (...) Entendemos que a feira é uma instituição parte do sistema econômico, que se liga e depende de outras instituições dos demais sistemas componentes da sociedade. (MOTT, 1968, p 20).

Esta definição é adequada ao tipo de discussão que se pretende fazer, ela engloba perfeitamente as funções da feira livre, chegando a uma definição a nível institucional. Diante disso, podemos entender as instituições como um conjunto de padrões reciprocamente ajustados, destinados a orientar e regular num sentido específico o comportamento dos membros de uma sociedade, seria um dos focos básico de organização social.

A feira livre, entendida sob um ponto de vista institucional, nos dá a noção do papel que vem desempenhando enquanto espaço de relação econômica, política e social de fundamental importância, atuando nesse todo social, desde o seu nascimento como necessidade, até a sua preservação enquanto manutenção de uma tradição.

Interessante ainda é compreender que dentro do espaço da cidade, a feira livre é um recorte, um território formado pela junção de vários recortes de circulação, de exposição de mercadorias, de barracas que quase sempre se confundem por estarem tão perto, porém separadas por estruturas de concreto, madeira e, às vezes, nada os separa, só mesmo a consciência do respeito ao limite do outro. As relações que se dão na feira livre são condicionantes para a existência desse território, concreto e abstrato, fruto da construção histórica da sociedade.

O trabalho de Fonseca faz uma pertinente análise sobre o território, penso que a sua abordagem pode ser utilizada neste trabalho, justamente quando ele teoriza o termo em discussão:

No interior dessa base material, deste espaço delimitado, concernentes aos limites fronteiriços, são construídas historicamente redes de sociabilidade ancorados nos costumes, tradições e códigos de posturas que moldam e são moldadas pelas normas presentes no interior desses limites. (...) dessa forma, o território é um elo de ligação que permite conectar o passado com o presente e o futuro e, conseqüentemente, melhor explica as mudanças históricas. (FONSECA, 2006, p 36).

Dessa maneira, podemos entender a feira livre como um território onde existe a confluência de permanências e transformações. A feira livre é uma instituição fragmentada e articulada, resultante dos processos produtivos desenvolvidos pelos agentes sociais, que, ao se apropriarem materialmente e simbolicamente dos espaços, evocam uma multiplicidade de territorialidade e sociabilidade.

CONCLUSÃO

O processo de transferência da feira livre de Jacobina, em 1981, do centro para a periferia da cidade, serve para reforçar a idéia de que a feira livre é entendida como um território construído a partir da sociabilidade. Pois, mesmo com esta interferência em prol de uma modernização que visava embelezar o centro da cidade, a feira livre persistiu, ainda que

houvesse a desconfiança dos próprios feirantes que temiam o enfraquecimento do comércio, devido às características do terreno escolhido pela Prefeitura, que se mostrava desabitado.

O Mercado Velho era para os feirantes uma representação simbólica da feira livre. Aquela construção representava a solidez do comércio. Por isso, tornou-se palco de resistência durante o período de transição. No entanto, a instituição feira livre, como é o caso da cidade de Jacobina, mostra que seu significado vai além do espaço onde ela se concretiza. O que faz a feira livre existir, são as relações sociais caracterizadas pela comercialização dos diversos produtos entre feirantes e compradores e isto independe do local onde ela se situa.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. A. A. de. **Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN)**. In: Caminhos de Geografia. João Pessoa: UFRN, 2006.
- BORKE, P. (org). **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- DALTO, C. A. P. **Muda-se a feira ou altera-se o poder**. In: A Palavra. Jacobina: 25 de abril, 1981.
- _____. **Os milhões devem ser aplicados**. In: A Palavra. Jacobina: 30 de janeiro, 1982.
- GOMES, P. C.da C. **A condição urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FONSECA, A. A. **Instituição e desenvolvimento territorial: o desempenho municipal após a descentralização**. Feira de Santana: UEFS, 2006.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- MEDEIROS, B. D. & PETRONE, P. de. **As feiras do Nordeste e sua função regional**. São Paulo. USP, 1967.
- MOTT, L. **A feira de Brejo Grande: Estudo de uma Instituição num município do Baixo São Francisco**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFBA, 1968
- _____. **Subsídios à História do Pequeno Comércio no Brasil**. São Paulo: Revista de História, 1976..
- ORMINDO, P. **Jacobina e Chapada Diamantina**. In. BRANDÃO, M. de A. (org). Jacobina: Passado e Futuro, Jacobina: ACIJA, 1993.

ENTREVISTA

Flávio da Silva Marques, 65 anos, foi prefeito de Jacobina – Ba de 1977 a 1983. Entrevista realizada em 12/10/2004.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO PÚBLICO

- Abaixo-assinado destinado ao Prefeito de Jacobina, Senhor Flávio Mesquita Marques. Ofício nº16/82, 05 de março – Cx. 79 m-01.
- Documentos, leis e resoluções do Conselho Municipal (1908-1915). Regimento do Mercado Público Municipal.
- Teleférico Ubajara. Correspondência enviada no dia 17 de junho de 1980. Cx. 680 m-01.